

Meu pensamento não é “doméstico” – Eli Diniz

De Luiz Carlos Bresser-Pereira, Paris, 23.2.2011

Querida Eli Diniz

Li seu artigo, e ele tem certamente interessa para a Revista de Economia Política. Ele discute a retomada da questão do desenvolvimento econômico e do desenvolvimentismo - algo com o que estou de pleno acordo. Você também solicita minha opinião sobre o artigo. Vou dá-la, mas entenda que este não é um parecer sobre um artigo. Você não terá dificuldade em publicar o artigo na *Revista de Economia Política* ignorando o que vou dizer-lhe.

Seu artigo é realmente muito bom, mas tenho uma crítica básica. Não concordo com a “démarche” muito brasileira de, primeiro, escrever sobre a mudança a nível internacional e citar os autores estrangeiros, e, depois, falar das ideias "domésticas". Essa estratégia não é aceitável em geral, e, definitivamente, no caso da economia do desenvolvimento, não é correta.

Primeiro, uma palavra sobre o Estado. A discussão que eu fiz na segunda metade dos anos 1990 e no início dos anos 2000 sobre o Estado não foi doméstica, ainda que tenha também falado do Brasil. *Construindo o Estado Republicano* foi originalmente publicado pela Oxford University Press, em 2004. Entretanto, a defesa que fiz do papel do Estado no desenvolvimento nesse livro e em diversos papers anteriores não tinha novidade, como não tiveram os outros autores citados por você a não ser Peter Evans e sua ideia da *embeddedness*.

Da mesma forma, o excelente livro do Ha-Joon não nos trouxe nada de novo. Mas lembrou e salientou que o imperialismo estava vivo. As críticas de Stiglitz ao FMI e ao Banco Mundial foram ótimas, mas também não tinham novidade.

O novo desenvolvimentismo que propus em 2003 foi uma novidade, mas não foi uma proposta para o Brasil. Foi geral. Com as políticas que passei a propor eu estava me propondo a desafiar a ortodoxia diretamente. Mas eu não teria feito esse desafio se eu não estivesse elaborando um conjunto de modelos e de teorias que davam base nova para a nova política novo-desenvolvimentista proposta. Refiro-me aos três modelos, às duas tendências, e ao esquema geral que formam a Macroeconomia Estruturalista do Desenvolvimento. Com ela estamos criando uma escola de pensamento no Brasil. Essas ideias não são domésticas. Meu livro *Globalização e Competição* foi inicialmente publicado na França, e depois no Brasil em conjunto com os Estados Unidos e a Argentina. No seu prefácio, Robert Boyer percebeu que estamos criando uma escola de pensamento no Brasil. As “10 Teses sobre o Novo Desenvolvimentismo” não são domésticas, como o novo desenvolvimentismo e a macroeconomia estruturalista do desenvolvimento, mas a origem é brasileira (não apenas de São Paulo, como equivocadamente Boyer disse).

O que é doméstico é aplicação das ideias ao Brasil. Destas e de outras, como a bela resenha que você fez do trabalho do Fábio Erber sobre as convenções – artigo já publicado na *Revista de Economia Política*. Como nos muitos papers e livros de economistas estruturalistas e keynesianos sobre o Brasil.

Escrevi recentemente uma "Crônica do novo desenvolvimentismo e da macroeconomia estruturalista do desenvolvimento" que amplia o que estou dizendo sobre a economia. Creio que a interessará. Vai em anexo, como também o prefácio de Boyer. Vi que você não citou *Globalização e Competição*. Vou lhe enviar uma copia amanhã.

Considerando ou não esta minha crítica, a revista está aberta para seu artigo. Será enviada a pareceristas, como é a regra, mas eu não serei um deles. E não aceitarei um parecer que rejeite o artigo, porque ele é realmente bom.

Um abraço forte e amigo,

Bresser

Em tempo:

Desculpe a veemência do meu e-mail, mas o Bourdieu nos ensinou que a vida acadêmica é uma competição pelo “monopólio do conhecimento legítimo”. A frase é um pouco cínica, mas o fato é que na vida acadêmica nós competimos, e escolhemos com quem competir. Eu, como imagino que seja verdade para o Roberto Frenkel e para o Gabriel Palma (para citar dois outros latino-americanos), estou competindo de forma crítica com os neoclássicos e competindo de forma cooperativa com os melhores economistas no exterior, como nossos amigos Ha-Joon, Stiglitz, Robert Wade, Jan Kregel. Talvez eu tenha enlouquecido ao escolher esses economistas, mas o Brasil não é mais periferia.

Disse tudo isso a você porque é o que sinto, e porque creio que você entenderá.

De Eli Diniz, 24.02.2011

Querido Bresser,

Entendo o que você quis dizer. E concordo: o Brasil não é mais periferia.

Se dei a impressão contrária, é porque talvez no paper não tenha me expressado com a devida clareza. Quando me refiro à inflexão na esfera doméstica não quis dizer que a produção dos economistas brasileiros ligados ao novo desenvolvimentismo seja de alguma forma subsidiária. Seu trabalho, por exemplo, transcende as fronteiras nacionais e dialoga de maneira original e independente com os acadêmicos estrangeiros. Acho que esse movimento intelectual brasileiro tem dado uma contribuição fundamental e inovadora. Entretanto, penso que o cenário intelectual na esfera internacional se tornou mais matizado e mais rico do que era anteriormente e isso criou um ambiente favorável ao florescimento do pensamento crítico no Brasil. E

também na América Latina. Antes, era difícil furar o bloqueio da visão dominante ortodoxa.

Mas vou rever com calma meu próprio texto. Na verdade, considero que ele ainda não está pronto. Mas seus comentários são excelentes! Agradeço-lhe muito. É sempre bom trocar ideias com alguém como você.

Grande abraço,

Eli Diniz

De Eli Diniz, 25.02.2011

Querido Bresser,

Segue o meu texto ao qual procurei incorporar algumas de suas considerações, que são sem dúvida da maior relevância. Creio que não consegui incorporar tudo o que gostaria, pois quebraria a estrutura do meu paper: teria que escrever um outro texto.

Li seu livro *Globalização e Competição*, do qual havia lido apenas o capítulo 3. Gostei muito e o incorporei, sobretudo, mas não apenas, a parte sobre globalização e o novo desenvolvimentismo e a ortodoxia convencional.

Entretanto, não sei se consegui ter sucesso em ser mais clara quanto ao meu argumento de que o cenário acadêmico internacional, ao tornar-se mais matizado e menos monotemático, favoreceu o florescimento do pensamento crítico no Brasil, que, no entanto, jamais teve um teor subsidiário. Ao contrário exerceu um impacto inovador e tornou-se um ator da maior relevância no avanço do conhecimento sobre o desenvolvimento na atual etapa do capitalismo mundial.

Gostaria, sim, de encaminhá-lo para a Revista de Economia Política. Sei que será submetido à análise dos pareceristas. Esta é a regra. E acho que não poderia ser de outra maneira.

Mais uma vez, muito obrigada pelos comentários excelentes.

Grande abraço,

ELI